

NEGUIN

Noite do Dia das Mães. Percorri as penumbras do Mercado. Fétido, alaranjado, mal iluminado. Sentei-me à espera dos atrasos cotidianos. Do atraso em fingir que não vejo tanta miséria e em esperar alguma melhoria no transporte público. Desse cheiro de peixe podre nas poças por onde alguns carros apressados cortam. Das pessoas que deitam nas calçadas, por algum vício delas, aqui próximo de onde estou.

Alguém me saudou brevemente e não reconheci. Às vezes agradeço a miopia por isso. Volto ao rosto. Percebi a sobrancelha grossa, dentes salientes, grandes olhos de espanto e um bigode ralo. Vieram lembranças da infância. Era Neguin. Com roupas largas e grandes que não lhe cabiam: sujo e inquieto. Parecia aguardar por ônibus também ou estava encurralado demais pra dizer alguma coisa sobre se sentir perseguido no momento.

No meu pensar, corríamos pelas ruas, nossos 10 anos de idade. Neguin não tinha hora. Perambulava dia e noite pela vizinhança, gritava, gargalhava com as próprias travessuras. Sobrava-me, além da inveja incompreendida, o toque de recolher maternal, pra escola, pro banho. Neguin furtava pacotes de biscoitos no mercadinho. Assombrado com o pulso firme de minha mãe, que demonstrava reprovação no convívio com os outros garotos da rua, nunca ousei aceitar quando ele compartilhava furtos com outros no bairro. Das coisas erradas dele que eu presenciava: silencieei, não copiei. Se a moral era por medo, não sei até hoje. Neguin iniciou sua vida sexual cedo, contava com honrarias suas relações com homossexuais que o aliciavam. Vivi o terrorismo escolar pra sequer pensar em ir tão longe.

No dia em que a mãe de Neguin morreu, ainda na nossa infância, não compreendi o silêncio na rua. Restavam-lhe em casa os avós de idade avançada, um pai viciado em drogas e seus irmãos menores. Havia uma tristeza e uma liberdade velada, o pouco que ela regravava Neguin, foi com sua mãe para o túmulo.

A vida me afastou dali. Neguin comumente esteve envolvido com furtos, assaltos, envolvimento com tráfico de drogas. Era popular. Assistência alguma chegou além do policiamento paliativo. Me pergunto, aqui sentado, se agora ele está foragido da polícia ou o quanto ainda tem do menino que brincava comigo na rua. Senti uma vergonha em seu rosto acuado com minha presença.

A espera por chegar seguro em casa é cruel. Imaginei como seria a vida dele aos moldes do que pude ter com em minha casa. A garganta fechou em angústia. Temi por alguns instantes que nem sempre podemos escolher entre certo e errado, ante aos desgostos que nos aparecem. Acho que no fundo, ainda criança, o mundo me fazia compreender o que há de maternal nas nossas escolhas.

Não consegui nenhuma palavra com Neguin. Fiquei quieto, na minha culpa pela realidade dele, mesmo sendo uma omissão inconsciente. Revirei com esforço a memória até recordar seu nome de presidente americano, aquele John morto a tiro. Contraste trágico. Morte assim seria um destino fatal, até pra um texto. O ônibus chegou. Neguin permaneceu inquieto, em seu estado de paranoia. Talvez planejasse ali algum crime ou não tivesse o dinheiro pra voltar pra casa.

Fiquei inquieto no pensamento. Sem entender o quanto de Neguin havia em mim. Sem saber lidar com o fato de perder a voz para a consciência pesada. Sem conseguir achar um jeito de separar as injustiças com que nos julgamos daquilo que conquistamos ou perdemos. Sem saber se era momento necessário de desabafo entre nós ou um pedido de ajuda pra ir pra casa. Sem saber se aquilo era digno de crônica do Dia das Mães.